

a tempestade

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Prólogo



OCEANO ÍNDICO
SETEMBRO DE 1943

O S.S. *JOHN BURY* ESTREMECEU DA PROA À POPA AO ATRAVESSAR AS ÁGUAS revoltas do oceano Índico. Era conhecido como um «cargueiro rápido», concebido para acompanhar navios de guerra e acostumado a viajar a uma velocidade razoável. Contudo, com todas as caldeiras cheias, o *John Bury* estava a singrar a um ritmo que desconhecia desde os seus testes marítimos. Avariado, queimado e a deitar fumo, o *John Bury* navegava velozmente, como se disso dependesse a sua sobrevivência.

O navio atravessou a crista de uma onda de três metros, o convés afundou-se um pouco e a proa cortou uma outra vaga. Um largo lençol de espuma elevou-se por cima do corrimão e espalhou-se pelo convés, sacudindo o que restava da ponte de vidros partidos. De aspeto, o *John Bury* era uma completa ruína. O fumo jorrava do metal retorcido, onde os foguetes lhe tinham atingido a superestrutura. Restos de pedaços soltos cobriam o convés, e viam-se tripulantes mortos estendidos por todo o lado.

Mas os estragos encontravam-se acima da linha de água, e o navio fugitivo sobreviveria se pudesse evitar mais ataques.

No horizonte, por detrás dele, o fumo elevava-se de outros navios que tinham tido menos sorte. Uma bola de fogo cor de laranja irrompeu de um deles, atravessando a água e não tardando a iluminar a carnificina.

Podiam ver-se os cascos em chamas de quatro navios, três contratorpedeiros e um cruzador, embarcações que tinham escoltado o *John Bury*.

Um submarino japonês e um esquadrão de bombardeiros de voo picado tinham-nos descoberto ao mesmo tempo. À medida que o anoitecer se aproximava, o óleo ardia em volta dos navios que se afundavam, formando uma mancha com quase um quilómetro de comprimento, poluindo o céu com um denso fumo negro. Nenhum deles veria o amanhecer.

Os navios de guerra tinham sido alvejados e destruídos rapidamente, mas o *John Bury* fora apenas metralhado, atingido por foguetes e abandonado à sua sorte. Poderia haver apenas uma razão para aquela misericórdia: os japoneses sabiam da carga secreta que ele transportava e queriam-na para si mesmos.

O capitão Alan Pickett estava determinado a não deixar que tal acontecesse, mesmo com metade da sua tripulação morta e com o rosto golpeado por estilhaços. Pegou no tubo acústico e gritou para a sala das máquinas.

— Mais velocidade! — exigiu ele.

Não houve resposta. Segundo o último relatório, um incêndio consumia a parte inferior dos conveses. Pickett ordenara aos seus homens para permanecerem nos seus postos e lutarem, mas, naquele momento, o silêncio deixara-o gelado de medo.

— Vejo aviões japoneses a bombordo! — anunciou um vigia desde a ponte de comando. — A dois mil pés, num voo picado.

Pickett olhou através do vidro partido em frente dele. Na luz evanescente, viu quatro pontos negros a girarem no céu cinzento, a descerem em direção ao navio. Luzes acendiam-se nas suas asas.

— Desçam! — gritou ele.

Tarde de mais. Balas de calibre cinquenta costuraram uma linha através do navio, cortando o ponto de vigia ao meio e destruindo o que sobrava da ponte. Fragmentos de madeira, vidro e aço voaram pelo compartimento.

Pickett foi cuspidado para o convés. Uma onda de calor espalhou-se pela ponte quando outro foguete caiu à sua frente. O impacto abalou o navio, arrancando o teto de metal como um abre-latas gigante.

Quando a onda de destruição acalmou, Pickett ergueu os olhos. O último dos seus oficiais estava morto, a ponte fora destruída. Até mesmo a roda do leme desaparecera, deixando apenas um coto de metal preso ao eixo. Contudo, de algum modo, o navio seguia em frente.

Quando Pickett se pôs de pé, viu algo que lhe deu esperança: nuvens escuras e pesadas bátegas de chuva. Uma linha de instabilidade meteorológica aproximava-se rapidamente da proa, a estibordo. Se ele pudesse para aí arrastar o navio, a escuridão que se avizinhava escondê-lo-ia.

Segurando na antepara para se apoiar, alcançou o que restava da roda do leme. Moveu-a com todas as forças que lhe restavam. Ela rodou meia-volta e ele caiu no chão a segurá-la.

O navio começou a mudar de rumo.

Fazendo pressão contra o convés, empurrou-a para cima e depois rodou-a para baixo até descrever uma volta completa.

O cargueiro estava a inclinar-se agora na curva, desenhando um rasto branco em forma de arco, na superfície do oceano, e voltando-se em direção à tempestade.

As nuvens em frente eram densas. A chuva que caía delas varria a superfície como uma vassoura gigante. Pela primeira vez desde que o ataque começara, Pickett sentiu que tinha uma hipótese. No entanto, enquanto o navio se dirigia para aquela intempérie, o som horrível dos bombardeiros em voo picado, girando e mergulhando na sua direção, punham-lhe tudo isso em dúvida.

Procurou, através das feridas abertas do navio, a origem desse ruído.

Descendo do céu, mesmo à sua frente, estavam dois bombardeiros *Aichi D3A, Vals*, segundo lhe chamavam os aliados, do mesmo tipo que os japoneses tinham usado com consequências mortais em Pearl Harbor e, meses depois, contra a frota britânica perto do Ceilão.

Pickett observou-os a aproximarem-se e escutou-lhes o assobio das asas a ficar mais intenso. Começou a praguejar contra eles e pegou no revólver que trazia à cintura.

— Afastem-se do meu navio! — gritou, tentando acertar-lhes com o *Colt* de calibre 45.

As aeronaves desviaram-se no último minuto e passaram a rugir, cravando no navio outra rajada de balas de calibre 50. Pickett caiu no convés, com um projétil que lhe atravessou a perna e lha partiu. Abriu os olhos e olhou para cima. Estava incapaz de se mexer.

Ondas de fumo e o céu cinzento rolaram por cima dele. Estava acabado, pensou. O navio e a sua carga secreta em breve cairiam em mãos inimigas.

Pickett praguejou contra si mesmo por não ter abandonado rapidamente a embarcação. Ele esperava que, de algum modo, esta se afundasse antes que a pudessem abordar.

Quando a visão lhe começou a falhar, o som de mais bombardeiros chegou-lhe aos ouvidos. O rugido tornou-se mais alto, com o grito uivante das suas asas convocando e anunciando o terrível fim inevitável.

E então o céu escureceu. O ar ficou frio e húmido, e o S.S. *John Bury* desapareceu na tempestade, engolido por um muro de névoa e de chuva.

O último relatório, feito por um piloto japonês, acerca da embarcação, era que esta estava a arder mas a navegar a todo o vapor. Contudo, nunca mais foi vista nem se voltou a ouvir falar dela.

1



A NORTE DO IÉMEN, JUNTO À FRONTEIRA DA ARÁBIA SAUDITA
AGOSTO DE 1967

TARIQ AL-KHALIF ESCONDIA O ROSTO ATRÁS DE UM PANO DE ALGODÃO branco e macio. O *kaffiyeh* cobria-lhe a cabeça e estava posto em torno da boca e do nariz. Mantinha o sol, o vento e a areia fora das suas feições castigadas pelo clima, escondendo-o do mundo.

Apenas os olhos de Khalif eram visíveis, duros e penetrantes, após sessenta anos de errâncias pelo deserto. Não piscaram nem se afastaram quando ele reparou nos cadáveres na areia, diante dele.

Oito corpos ao todo. Dois homens, três mulheres, três crianças, completamente despidos, sem rasto de roupas nem pertences. A maioria fora baleada, alguns tinham sido esfaqueados.

Enquanto a fila de camelos por detrás de Khalif esperava, um cavaleiro aproximou-se lentamente na sua direção. Khalif reconheceu o indivíduo forte e jovem na sela. Um homem chamado Sabah, o seu tenente mais confiável. Tinha ao ombro uma *AK-47* de fabrico russo.

— Bandidos, sem dúvida — observou Sabah. — Nenhum sinal deles por agora.

Khalif estudou a areia grossa a seus pés. Notou que os rastos desapareciam a oeste, conduzindo diretamente à única fonte de água num raio de cento e sessenta quilómetros, um oásis chamado Abi Quzza, a «água sedosa».

— Não, meu amigo — ripostou ele. — Estes homens não estão à espera

de serem descobertos. Escondem os seus números mantendo-se em chão duro, onde não se lhes veem as pegadas, ou andam na areia mais macia, onde as marcas não tardam a desaparecer. No entanto, neste caso, eu consigo ver a verdade, estão a dirigir-se para nossa casa.

Abi Quzza pertencera à família de Khalif há já várias gerações. Fornecia-lhes a água indispensável à vida e um mínimo de riqueza. As tamarais cresciam em abundância em torno das suas nascentes férteis, juntamente com a relva para as ovelhas e camelos.

Com o crescente número de camiões e de outras formas de transporte moderno, as caravanas que lhes traziam dádivas começaram a diminuir, e o papel dos beduínos criadores de camelos, como Khalif e a sua família, estava a desaparecer juntamente com eles. Contudo, ainda não se tinham ido embora. Para que o clã tivesse alguma esperança, Khalif sabia que o oásis deveria ser protegido.

— Os seus filhos irão defendê-lo — disse Sabah.

O oásis ficava a trinta quilómetros a oeste. Os filhos de Khalif, dois sobrinhos e as suas famílias esperavam-nos lá. Meia dúzia de tendas e dez homens com espingardas. Não seria um lugar fácil para atacar. E, no entanto, Khalif sentiu um desconforto terrível.

— Temos de nos apressar — disse ele, voltando a montar o camelo.

Sabah anuiu com a cabeça. Colocou a *AK-47* numa posição mais agressiva e incitou o camelo a seguir em frente.

Três horas depois, já se estavam a aproximar do oásis. De longe, não conseguiam ver mais nada senão algumas fogueiras. Não havia sinais de luta, nem de tendas rasgadas ou de animais vadios, nem corpos estendidos na areia.

Khalif ordenou a paragem da fila de camelos e desmontou. Com Sabah e outros dois, avançou a pé.

O silêncio em volta deles era de tal modo total que eles podiam ouvir o crepitar da madeira nas fogueiras e o arrastar dos seus próprios pés pela areia. Algures, na distância, um chacal começou a latir. Encontrava-se muito longe, mas o ruído transmitia-se muito bem através do deserto.

Khalif parou, esperando que o som do chacal desaparecesse. Quando este esmoreceu, seguiu-se outro mais agradável: uma vozinha cantando uma melodia beduína tradicional. Vinha da tenda principal e decorria em voz baixa.

Khalif começou a descontrair-se. Era a voz do seu filho mais novo, Jinn.

— Tragam a caravana — pediu Khalif. — Está tudo bem.

Quando Sabah e os outros voltaram para os seus camelos, Khalif avançou. Chegou à tenda, levantou a aba da mesma e ficou siderado.

Um bandido vestido com roupa velha encontrava-se lá, pressionando uma lâmina encurvada contra a garganta do filho. Outro bandido estava sentado a seu lado, com uma velha espingarda.

— Se te mexes mais, corto-lhe o pescoço — disse o bandido.

— Quem és tu?

— Sou o Masiq — respondeu o bandido.

— Que é que queres? — perguntou Khalif.

Masiq encolheu os ombros. — Que é que não queremos?

— Os camelos são valiosos — observou Khalif, adivinhando o que eles andavam à procura. — Posso dar-tos. Mas poupa a minha família.

— A tua oferta não faz qualquer sentido para mim — retorquiu Masiq, com o rosto a contorcer-se num esgar de desprezo. — Porque eu posso apoderar-me do que quiser e porque... — ele segurou com força o rapazinho — à exceção deste, a tua família já foi morta.

O coração de Khalif deu um pulo. No interior da sua túnica tinha um revólver automático *Webley-Fosbery*. Tratava-se de uma arma sólida e precisa que não iria encravar, mesmo após meses na areia do deserto. Pensou num modo de o alcançar.

— Então dou-te tudo — disse ele —, só por ele. E tu podes seguir.

— Tu tens aqui ouro escondido — afirmou Masiq, como se fosse um facto conhecido. — Diz-nos onde está.

Khalif abanou a cabeça. — Não tenho ouro nenhum.

— Estás a mentir — ripostou o bandido.

Masiq começou a rir-se, com os dentes tortos e a boca cariada, fazendo um som horrível. Agarrando no rapazinho com um braço, levantou o outro como se lhe fosse cortar o pescoço. Mas ele soltou-se, atirou-se aos dedos do bandido e mordeu-os com força.

Masiq praguejou de dor. Retirou bruscamente a mão como se tivesse sido queimado.

Khalif conseguiu encontrar o revólver e disparou dois tiros através da túnica. O potencial assassino caiu para trás, com dois buracos a deitarem fumo do peito.

O segundo bandido disparou, e o tiro passou-lhe de raspão pela perna, mas Khalif conseguiu alvejá-lo em cheio no rosto. O homem tombou, sem dizer uma palavra, contudo, a batalha estava tão-só a começar.

No exterior da tenda, ecoou pela noite uma série de tiros, com rajadas a serem trocadas para lá e para cá. Khalif reconheceu um som de armas pesadas, como a que o bandido morto tinha na mão, a serem respondidas pelo som estridente da espingarda automática de Sabah.

Khalif agarrou no filho, colocando o seu revólver nas mãos deste. Pegou numa velha espingarda que se encontrava ao lado de um dos bandidos e levantou a faca curva do chão, entranhando-se mais na tenda.

Os seus filhos mais velhos estavam aí estendidos, como se estivessem a descansar lado a lado. Tinham as roupas encharcadas em sangue escuro e repletas de buracos.

Uma onda de dor apossou-se de Khalif; dor, amargura e raiva.

Com o tiroteio ativo no exterior, enfiou a faca num dos lados da tenda e cortou uma pequena abertura. Olhando através dela, observou a batalha.

Sabah e três dos homens estavam a disparar, escudados por detrás de uns quantos camelos mortos. Um grupo de assassinos, vestidos como os bandidos que ele acabara de matar, encontrava-se no próprio oásis, escondendo-se atrás de tamareiras, com água até aos joelhos.

Pareciam não ser em número suficiente para tomarem o acampamento pela força.

Voltou-se para Jinn. — Como é que estes homens chegaram aqui?

— Eles pediram para ficar — disse o rapazinho. — Demos água aos camelos deles.

O facto de eles terem recorrido à tradição da generosidade beduína e à bondade dos filhos de Khalif, antes de os matarem, enfureceu-o ainda mais. Foi até ao outro lado da tenda. Dessa vez, cravou a faca no tecido e desceu-a acentuadamente para baixo.

— Fica aqui — ordenou ele a Jinn.

Khalif passou pela abertura e abriu caminho através da escuridão. Movendo-se num amplo círculo, conseguiu colocar-se atrás dos seus inimigos e entrou no oásis.

Preocupado com Sabah e com os seus homens em frente, os bandidos nunca notaram que Khalif os estava a flanquear. Ele chegou por trás deles e abriu fogo, atingindo-os nas costas a uma curta distância.

Três foram abatidos rapidamente, e depois um quarto. Outro tentou fugir e foi morto com um tiro de Sabah, mas o sexto e último bandido virou-se a tempo de ripostar.

Uma bala atingiu o ombro de Khalif, atirando-o para trás e provocando-lhe um choque de dor através do corpo. Acabou por cair na água.

O bandido correu na direção dele, pensando talvez que ele estaria morto ou demasiado ferido para lutar.

Khalif apontou a velha espingarda e puxou o gatilho. A bala encravou na culatra. Pegou no ferrolho e esforçou-se por libertá-lo, mas o braço ferido não era suficientemente forte para desencravar a arma.

O bandido levantou a sua própria arma, pronto a desferi-la no peito de Khalif. Então, o som do revólver *Webley* soou como um trovão.

O bandido caiu contra uma tamareira com um olhar perplexo no rosto. Deslizou por ela abaixo, e a arma caiu-lhe da mão para a água.

Jinn ficou por detrás do homem morto, segurando na pistola com força, com as mãos a tremer e os olhos cheios de lágrimas.

Khalif olhou em volta para ver se havia mais inimigos, mas não viu nenhum. O tiroteio tinha parado. Ele podia ouvir Sabah a gritar para os homens. A batalha acabara.

— Vem cá, Jinn — ordenou ele.

O filho aproximou-se dele, a tremer. Khalif segurou-o por baixo de um braço e estreitou-o contra si.

— Olha para mim. — O rapazinho não reagiu. — Olha para mim, Jinn!

Por fim, Jinn virou-se. Khalif segurou-lhe no ombro com força. — És ainda muito pequeno para perceberes, meu filho, mas acabaste de fazer uma coisa muito corajosa. Salvaste o teu pai. Salvaste a tua família.

— Mas os meus irmãos e a minha mãe estão mortos — choramingou Jinn.

— Não — afirmou Khalif. — Estão no Paraíso, e nós iremos prosseguir, até que um dia os voltemos a encontrar.

Jinn não reagiu; limitou-se a olhar muito para o pai e começou a soluçar.

Um som, vindo da direita, fez com que Khalif se voltasse. Um dos bandidos estava vivo e a tentar fugir.

Khalif ergueu a faca de lâmina curva, pronto para exterminar o homem, mas depois conteve-se. — Mata-o, Jinn.

O rapazinho a tremer olhou para o pai, sem qualquer expressão. Khalif olhou para ele com insistência, firme e inflexível.

— Os teus irmãos estão mortos, Jinn. O futuro do clã está agora nas tuas mãos. Tens de aprender a ser forte.

Jinn continuou a tremer, mas Khalif tinha agora mais certezas. A bondade e a generosidade quase os tinham destruído. Tal fraqueza teria de ser banida do seu único filho sobrevivente.

— Nunca deverás sentir pena — afirmou Khalif. — Ele é um inimigo.

Se não tivermos forças para matar os nossos inimigos, eles irão roubar-nos as águas. E, sem elas, herdaremos apenas a errância e a morte.

Khalif sabia que poderia forçar Jinn a fazê-lo, sabia que poderia exigir que o fizesse e que o rapazinho obedeceria ao comando. Mas precisava que fosse Jinn a escolher por si mesmo essa ação.

— Estás com medo?

Jinn abanou a cabeça. Lentamente, virou-se e ergueu a pistola.

O bandido olhou para ele, mas em vez de Jinn ter hesitado, a sua mão ficou firme. Olhou para o bandido de frente e puxou o gatilho.

O estrondo da arma ecoou pela água e espalhou-se pelo deserto. No momento em que desapareceu, as lágrimas já não corriam dos olhos do rapazinho.

2



OCEANO ÍNDICO
JUNHO DE 2012

O CATAMARÃ COM VINTE E SETE METROS DE COMPRIMENTO BALANÇAVA SOBRE as águas calmas do oceano Índico ao pôr do Sol. Estava a fazer três ou quatro nós, numa brisa ligeira. Uma vela branca e brilhante elevava-se sobre o amplo convés. Letras de um metro e meio, num tom turquesa, estendiam-se pela secção central com as palavras Agência Nacional Marinha e Submarina¹.

Kimo A'kona estava de pé junto às proas gémeas do catamarã. Tinha trinta anos, cabelos negros, um corpo escultural e os desenhos circulares de uma tatuagem havaiana tradicional num braço e num ombro. Estava na proa com os pés descalços, equilibrando-se à beirinha, como se estivesse a fazer uma manobra especial numa prancha de *surf*.

Segurou numa longa haste à sua frente e num dos lados, mergulhando um instrumento na água. As leituras que fez indicaram-lhe, num pequeno ecrã, que o mesmo estava a funcionar.

Disse os resultados em voz alta: — O nível de oxigénio é um pouco baixo, a temperatura é de 21 graus centígrados, 70,4 Fahrenheit.

Atrás de Kimo, dois outros observavam. Perry Halverson, chefe da equipa e o membro mais antigo da tripulação, mantinha-se ao leme. Usava calções beges, uma *t-shirt* preta e um chapéu verde-azeitona, já com as abas moles, que ele tinha há anos.

¹ Geralmente referida com o acrónimo NUMA de *National Underwater and Marine Agency*. (N. do T.)

A seu lado, Thalia Quivaros, a quem todos chamavam T, estava no convés, com calções brancos e um *top* de biquíni, que acentuava a sua figura suficientemente bronzeada para distrair os dois homens.

— Esta é a leitura mais baixa que fizemos — observou Halverson. — Três graus mais abaixo do que deveria ser para esta altura do ano.

— As pessoas do aquecimento global não vão gostar disto — observou Kimo.

— Talvez não — retorquiu Thalia, ao registar as leituras num pequeno *tablet*. — Mas trata-se definitivamente de um padrão. Vinte e nove das últimas trinta leituras estão fora da média por pelo menos dois graus.

— Poderia uma tempestade ter passado por aqui? — perguntou Kimo. — Despejando uma quantidade de chuva ou granizo que nós não estaremos a levar em conta?

— Nada durante semanas — respondeu Halverson. — Isto é uma anomalia, não uma distorção local.

Thalia assentiu com a cabeça. — As leituras em águas profundas, dos sensores remotos que nós lá pusemos, confirmam-no. As temperaturas estão muito baixas, até à termoclina. É como se o calor do Sol tivesse ignorado esta região.

— Não me parece que o Sol seja o problema — retorquiu Kimo. A temperatura do ar ambiente tinha atingido os trinta graus, algumas horas antes, enquanto o Sol brilhava num céu sem nuvens. Mesmo quando se estava a pôr, os seus últimos raios eram fortes e quentes.

Kimo recolheu o instrumento, verificou-o e depois pôs-se a oscilar com a haste como se estivesse a pescar trutas. Lançou o sensor a uns doze metros do barco, deixando que o instrumento se afundasse e recuasse. A segunda leitura manteve-se idêntica à primeira.

— Pelo menos encontrámos algo para contar às individualidades em Washington, D.C. — observou Halverson. — Como sabem, todos pensam que estamos aqui num cruzeiro de férias.

— Creio que se trata de uma ressurgência — disse Kimo. — Algo como o efeito do El Niño ou La Niña. Ainda que, como se trata do oceano Índico, provavelmente o designem por uma palavra em hindu.

— Talvez lhe pudessem dar um nome que tivesse que ver connosco — sugeriu Thalia. — O efeito Quivaros-A'kona-Halverson. QAH, para abreviar.

— Observem bem como ela põe o seu nome em primeiro lugar — disse Kimo a Halverson.

— Primeiro as senhoras — referiu ela, com um aceno de cabeça e um sorriso.

Halverson riu-se e ajeitou o chapéu.

— Enquanto vocês tentam resolver isso, vou tratar da refeição para esta noite. Alguém estará interessado em tacos mexicanos de peixe-voador?

Thalia olhou para ele, com desconfiança. — Já comemos isso ontem à noite.

— As linhas estão vazias — explicou Halverson. — Não pescámos nada hoje.

Kimo pensou acerca desse facto. Quanto mais eles navegavam para a zona fria, menos vida marinha iam encontrando. Era como se o oceano estivesse a tornar-se estéril e frio. — Parece-me melhor do que os enlatados — admitiu ele.

Thalia anuiu com a cabeça e Halverson entrou na cabine para preparar o jantar. Kimo permaneceu de pé e olhou para oeste.

O Sol mergulhara finalmente no horizonte e o céu começava a assinalar um tom índigo logo acima da água. O ar estava suave e húmido, com a temperatura a rondar os vinte e nove graus. Estava uma noite perfeita, tornada ainda mais perfeita pela ideia de que eles tinham descoberto algo único.

Desconheciam o que o poderia estar a causar, mas a anomalia da temperatura parecia estar a dar cabo do clima de toda a região. Até então, houvera pouca chuva, no Sul e no Oeste da Índia, no momento em que as monções deveriam estar a formar-se.

A preocupação começava a espalhar-se, enquanto mil milhões de pessoas aguardavam as grandes chuvas da estação para dar vida às colheitas de arroz e de trigo. Pelo que ele ouvira, os nervos de toda a gente começavam a ficar à flor da pele. Memórias da colheita fraca do ano anterior davam azo a conversas sobre fome, caso algo não mudasse em breve.

Enquanto Kimo se apercebia de que havia pouco que ele pudesse fazer, esperava que estivessem prestes a determinar uma causa. Os últimos dias tinham sugerido que estavam no caminho certo. Dentro de uma hora, procederiam a novas leituras, a algumas milhas para oeste. Entretanto, o jantar esperava-os.

Kimo voltou a recolher o sensor. Ao retirá-lo da água, algo estranho lhe chamou a atenção. Semicerrou os olhos. A cem metros mais ao largo, um estranho brilho negro alastrava pela superfície do mar como uma sombra.

— Vem ver isto — disse ele a Thalia.

— Para de tentar fazer com que eu suba para um espaço tão apertado — ironizou ela.

— Estou a falar a sério — retorquiu ele. — Há qualquer coisa na água.

Ela pousou o *tablet* e aproximou-se, agarrando-se ao braço dele para se apoiar melhor no gurupés estreito. Kimo apontou para a sombra. Estava definitivamente a espalhar-se, movendo-se pela superfície como óleo ou algas, embora tivesse uma textura estranha, diferente de qualquer um desses elementos.

— Estás a ver?

Ela seguiu o olhar dele e depois levou um par de binóculos aos olhos. Após alguns segundos, disse:

— É apenas a luz.

Olhou através dos binóculos mais algum tempo e, em seguida, passou-lhos. — Estou a dizer-te que não há ali nada.

Kimo voltou a semicerrar os olhos na luz fraca. Será que estes o estavam a enganar? Pegou nos binóculos e examinou toda a área. Baixou-os e voltou a levantá-los para os pousar de novo.

Nada mais do que água, sem algas, sem óleo, sem uma textura estranha na superfície do mar. Examinou os dois lados para se certificar de que não estava a focar-se no local errado, mas o mar parecia-lhe de novo normal.

— Estou a dizer-te que havia ali qualquer coisa — afirmou ele.

— Boa tentativa — respondeu ela. — Vamos comer.

Thalia voltou-se e seguiu o seu caminho até ao convés principal do catamarã. Kimo deu uma olhadela final e não viu nada fora do comum; em seguida, abanou a cabeça e voltou-se para a seguir.

Minutos depois, estavam na cabine principal, a comerem os tacos de peixe à moda de Halverson, enquanto riam e discutiam o que pensavam acerca da causa da anomalia da temperatura. Enquanto comiam, o catamarã continuou a dirigir-se para noroeste com a força do vento, com a suave fibra de vidro das suas proas gémeas a cortarem o mar calmo, a água passando silenciosamente ao longo da embarcação de forma hidrodinâmica.

E então, qualquer coisa começou a mudar. A viscosidade da água pareceu elevar-se ligeiramente. A ondulação cresceu e eles começaram a mover-se de um modo um pouco mais lento. A brilhante fibra de vidro branca dos pontões da embarcação começou a escurecer junto à linha de água, como se estivesse a ser tingida por algum tipo de tinta.

Aquilo continuou durante vários segundos, à medida que uma mancha

cor de carvão se espalhava pelos lados do casco. Começou a subir, desafiando a gravidade, como se estivesse a ser impelida pelo poder de alguma entidade.

A textura da mancha assemelhava-se à da grafite ou a uma versão mais escura e mais fina do mercúrio. Em pouco tempo, a ponta dessa mancha incrustou-se na proa do catamarã, girando no mesmo lugar onde Kimo estivera.

Se alguém estivesse a observá-la de perto, teriam notado um padrão que surgiu. Por instantes, a substância moldou-se como pegadas, antes de ficar lisa novamente e deslizar para trás, em direção à cabine principal.

No interior desta, estava a tocar um rádio, captando uma transmissão de ondas curtas de música clássica. Era boa música para o jantar, e Kimo viu-se a saborear o serão e a companhia do mesmo modo que a comida. No entanto, enquanto Halverson lutava contra a divulgação do segredo da sua receita de tacos mexicanos, Kimo notou algo estranho.

Qualquer coisa começava a cobrir as amplas janelas fumadas da cabine, bloqueando o céu evanescente e a iluminação das luzes do barco no alto do mastro. A substância subiu pelo vidro do mesmo modo que a neve ou a areia, soprada pelo vento, se acumulava contra uma superfície lisa, contudo bastante mais rapidamente.

— Mas que diabo...

Thalia olhou para a janela. Os olhos de Halverson dirigiram-se para outro lado, observando o convés da popa, com uma certa consternação no rosto.

Kimo voltou a cabeça. Um tipo de substância cinzenta estava a fluir pela porta aberta, movendo-se ao longo do convés do barco, mas a subir.

Thalia também a viu vir direita a ela.

Deu um pulo da cadeira, atirando ao chão o prato que tinha na mesa. Os últimos pedaços do seu jantar estavam agora em frente da massa que avançava. Assim que esta atingiu as sobras, a substância cinzenta fluiu sobre os pedaços de comida, cobrindo-a completamente e girando em torno dela em montículos crescentes. — O que é isto? — perguntou.

— Não sei — respondeu Kimo. — Eu nunca...

Ele não teve de terminar a frase. Nenhum deles vira alguma vez algo parecido. Exceto... Os olhos de Kimo semicerraram-se; a substância estranha fluía como um líquido, mas tinha uma textura granulada. Parecia mais um pó metálico a deslizar sobre si mesmo, semelhante a ondas da areia mais fina a movimentarem-se sopradas pelo vento.

— Foi isto que eu vi na água — disse ele, recuando. — Eu disse-te que havia alguma coisa na distância.

— Que é que essa coisa está a fazer?

Todos estavam de pé e a desviarem-se para trás.

— Parece que está a comer o peixe — observou Halverson.

Kimo olhou fixamente para a substância, vacilando entre o medo e o espanto, e olhou através da porta aberta. O convés da popa estava coberto.

Olhou em volta em busca de uma saída. Seguir em frente só os levaria aos beliches do catamarã, aprisionando-os. Dirigirem-se para a ré significaria pisar a substância estranha.

— Vamos lá — disse ele, subindo para cima da mesa. — O que quer que seja essa coisa, tenho a certeza de que não queremos tocar-lhe.

Quando Thalia subiu para se pôr ao lado dele, Kimo levantou um braço para a claraboia e abriu-a. Deu um impulso à colega e ela conseguiu sair pela abertura até ao tejadilho da cabine.

Halverson subiu em seguida para cima da mesa, mas escorregou. O pé bateu no resíduo metálico, fazendo com que este se levantasse como a água de uma poça. Algum daquele sedimento salpicou-lhe a barriga da perna.

Halverson queixou-se, como se o tivessem picado. Com a mão, tentou retirá-lo da perna, no entanto, metade do que ele tentou afastar agarrou-se-lhe à mão.

Sacudiu-a rapidamente e depois esfregou-a nos calções.

— Está a queimar-me a pele — disse ele, com a dor estampada no rosto.

— Vamos lá, Perry... — gritou Kimo.

Halverson subiu para cima da mesa, com uma pequena quantidade do resíduo prateado ainda agarrado à mão e à perna, e a mesa soçobrou sob o peso dos dois homens.

Kimo agarrou-se à beira da claraboia e segurou-se, mas Halverson caiu de costas, batendo com a cabeça. O impacto pareceu tê-lo desorientado. Gemeu e voltou-se no chão, colocando nele as mãos para se pôr de pé.

A substância cinzenta apoderara-se dele como um enxame, cobrindo-lhe as mãos, os braços e as costas. Conseguiu levantar-se e apoiar-se contra a antepara, mas alguns dos resíduos tinham-lhe atingido o rosto. Halverson passou rapidamente a mão pela cara, como se houvesse abelhas a voar em grande número à volta dele. Tinha os olhos completamente fechados, mas as partículas estranhas estavam a tentar entrar-lhe por baixo das pálpebras, penetrando-lhe nas narinas e nos ouvidos.

Afastou-se da antepara e caiu de joelhos. Começou a meter os dedos nos ouvidos e a gritar. Linhas da substância enxameante enrolaram-se-lhe por cima dos lábios e começaram a escorrer-lhe para a garganta, transformando-lhe os gritos no estertor de um homem que estivesse a ser asfixiado. Halverson caiu para a frente. A massa de partículas que se espalhava por todo o lado começou a cobri-lo, como se ele estivesse a ser atacado por uma horda de formigas na selva.

— Kimo! — gritou Thalia.

A sua voz despertou-o do seu transe. Ele conseguiu impelir-se através da abertura e subir para o telhado. Fechou a claraboia e selou-a com força. Com as luzes no alto do mastro, pôde ver que o enxame cinzento se espalhara pelo convés inteiro, quer à ré quer à popa, e que também estava a subir pelos lados da cabine.

Aqui e ali, parecia estar a ferver sobre as coisas, tal como fizera com os restos do jantar, que tinham caído no chão, e com Halverson.

— Está a tentar chegar aqui! — gritou Thalia.

— Não lhe toques!

Do seu lado, o enxame invasor fizera menos progressos. Kimo aproximou-se e pegou em qualquer coisa que o pudesse ajudar. A sua mão encontrou a mangueira do convés e ele ligou-a, pegando no bocal e lançando água a alta pressão sobre a massa cinzenta.

O jato de líquido varreu as partículas, fazendo-as recuar e lavando-as da parede da cabine, como se fossem lama.

— Deste lado!

Deu um passo até ficar ao lado dela e conseguiu ver-se livre de toda aquela espécie de sedimentos.

— Põe-te atrás de mim! — gritou ele, apontando a mangueira.

O fluxo pressurizado de água ajudou, mas era uma batalha perdida. O enxame estava a rodeá-los e a aproximar-se deles por todos os lados. Por mais que tentasse, Kimo não conseguia lidar com ele.

— Devíamos saltar — gritou Thalia.

Kimo olhou para o oceano. O enxame estendia-se do barco para o mar de onde viera.

— Não me parece — objetou ele.

Desesperado por qualquer coisa que lhe pudesse ser útil, examinou o convés. Duas latas de gasolina, com cerca de vinte litros cada, encontravam-se perto da popa do barco. Apontou a mangueira a toda a pressão, de um lado para o outro, para abrir um caminho através do enxame. Deixou-a

cair, correu em frente e saltou. Aterrou no convés molhado e deslizou através dele, batendo no painel de popa.

Uma sensação de ardor, nas mãos e nas pernas, como álcool entornado sobre feridas abertas, avisou-o de que aquele resíduo o atingira. Ignorou a dor, pegou no primeiro jerricã e começou a derramar combustível pelo convés.

O resíduo cinzento afastou-se logo, retirando-se do caminho e recuando, mas tentando encontrar uma nova forma para poder avançar.

No tejadilho da cabine, Thalia estava a usar a mangueira, regando o espaço em redor dela e formando um círculo cada vez mais pequeno. De repente, gritou e soltou a mangueira como se tivesse sido picada. Voltou-se e começou a subir o mastro, porém, Kimo pôde verificar que o enxame lhe começara a cobrir as pernas.

Ela gritou e caiu. — Kimo! Ajuda-me. Ajuda...

Ele regou o convés com o resto da gasolina e pegou no segundo jerricã. Estava leve e quase vazio. O medo trespassou o coração de Kimo como uma lança.

Apenas ruídos gorgolejantes e um som de luta vinham de onde Thalia caíra. Conseguia ver-lhe tão-só a mão a contorcer-se, onde esta sobressaía sob a massa de partículas. À sua frente, aquela mesma massa retomara a sua busca por um caminho em direção aos seus pés.

Olhou mais uma vez para a superfície do mar. A horda que o cobria tinha um brilho de metal líquido até aos locais onde a luz incidia. Kimo enfrentou a terrível verdade. Não havia por onde fugir.

Não querendo morrer como Thalia e Halverson, Kimo tomou uma decisão tremendamente dolorosa.

Derramou o resto do combustível no convés, voltando a forçar o enxame a recuar, agarrou no isqueiro que tinha no bolso e tombou sobre um joelho. Ergueu o isqueiro no convés encharcado de gasolina, preparou-se para atuar e acendeu-o.

Surgiram faíscas e o combustível foi ateado. Um clarão avançou até à ponta da popa do catamarã. As chamas correram através do enxame que se aproximava da cabine e, em seguida, recuaram na direção de Kimo, rodeando-o e incendiando-o.

A agonia era por de mais intensa, mesmo durante os breves instantes que lhe restaram de vida. Engolido pelo fogo, e incapaz de gritar, devido aos pulmões queimados, Kimo A'kona cambaleou para trás e caiu no mar que o esperava.

3



KURT AUSTIN ENCONTRAVA-SE NA OFICINA NO NÍVEL MAIS BAIXO DA SUA casa de barcos, enquanto as horas a partir da meia-noite iam avançando.

Com ombros largos, relativamente bem-parecido, Kurt tendia mais para a robustez do que para dar simplesmente nas vistas. Tinha um cabelo cinzento-aço, ligeiramente inesperado num homem que parecia rondar os trinta e cinco anos, contudo perfeito para o homem que todos os seus amigos sabiam que ele era. Tinha uns maxilares quadrados, os dentes relativamente certos, mas não perfeitos, um rosto beijado pelo sol e marcado pelos anos passados no mar e exposto aos elementos.

Robusto e sólido eram os termos usados para o descrever. E ainda assim, naquele rosto forte havia um olhar penetrante. A franqueza do olhar de Kurt e o brilho dos seus olhos azuis-claros faziam com que as pessoas muitas vezes parassem, como se apanhadas de surpresa.

Neste momento, o seu olhar focava-se num trabalho de dedicação.

Kurt estava a construir um esquife, um barco de corrida. Pensamentos de desempenho dominavam-lhe a mente: coeficientes de resistência, fatores de alavancagem e o poder que poderia ser gerado por um ser humano.

O ar em torno dele cheirava a verniz e o chão estava cheio de aparas, lascas de madeira e outros tipos de sobras, do género que se acumulava e marcava o progresso de uma pessoa ao construir manualmente um barco.

Após meses de trabalho retomado e interrompido, Kurt sentia que

conseguiu qualquer coisa, esguia e elegante, que rondaria a perfeição. Com seis metros de comprimento. Estreito e lustroso. O tom de mel da madeira do barco de corrida brilhava sob nove camadas de verniz, de um modo que parecia iluminar a sala.

— Um diabo de um excelente barco — disse Kurt, admirando o produto concluído.

O acabamento do mesmo, semelhante a um vidro, fazia com que o tom parecesse profundo, como se o pudéssemos contemplar até uma grande profundidade. Uma ligeira mudança de perspectiva, e a sala em volta dele ficava presa no reflexo.

De um lado desse mesmo reflexo, havia um novo conjunto de ferramentas, ainda não usadas, numa caixa de um vermelho brilhante. Do outro lado, pendurado por cima da mesa de trabalho, via-se um conjunto de martelos velhos, serras e plainas, já com pegadas de madeira rachada e descolorida pela idade.

As novas ferramentas tinham sido compradas por ele; as antigas eram ofertas do seu avô — ao mesmo tempo, um presente e uma mensagem. E, bem no meio, como um homem apanhado entre dois mundos, Kurt via o seu próprio reflexo.

Parecia apropriado. Kurt passava a maior parte do tempo a trabalhar com tecnologia moderna, mas amava as coisas antigas deste mundo; velhas pistolas, casas vitorianas e anteriores à guerra civil americana, até cartas e documentos históricos. Todas essas coisas lhe prendiam a atenção com igual poder. Mas os barcos que possuía, incluindo o que acabara de construir, traziam-lhe a mais genuína sensação de alegria.

Por enquanto, a embarcação elegante encontrava-se numa estrutura de apoio, porém, no dia seguinte, retirá-la-ia da armação, iria encaixar-lhe os remos e levá-la até à água para a sua viagem inaugural. Ali, impulsionado pela considerável força das suas pernas, braços e costas, o esquife cortaria a superfície calma do Potomac, com um deslize surpreendente.

Entretanto, disse ele para consigo, teria de parar de olhar para ele e de admirar a sua própria criação, ou estaria demasiado cansado para remar no dia seguinte.

Baixou a porta da bancada e dirigiu-se até ao interruptor da luz.

Antes que ele a pudesse desligar, um zumbido irritante surpreendeu-o. O seu telemóvel era o culpado, a vibrar em cima da mesa de trabalho. Pegou no telefone, reconhecendo instantaneamente o número do ecrã, e pressionou o botão para responder.

Era Dirk Pitt, o diretor da NUMA, o chefe de Kurt e um bom amigo. Antes de ter assumido a função de diretor, Pitt passara duas décadas a arriscar a vida em projetos especiais para a organização. Ocasionalmente, ainda o fazia.

— Desculpe incomodá-lo a meio da noite — disse Pitt. — Espero que não tenha companhia.

— Na verdade... — respondeu Kurt, olhando para o barco. — Estou na presença de uma bela loira, graciosa e suave como a seda. E posso ver-me a passar muito tempo sozinho com ela.

— Receio que tenha de adiar tudo isso, e desejar-lhe as boas-noites — retorquiu Pitt.

O tom sério na voz do diretor não deixava margem para dúvidas.

— Que aconteceu?

— Conhece o Kimo A'kona? — perguntou o chefe.

— Trabalhei com ele no Projeto de Ecologia do Havai — respondeu Kurt, percebendo que Pitt não começaria uma conversa dessa maneira, a menos que algo de desagradável estivesse prestes a ser dito. — É um fulano impecável. Porque pergunta?

— Ele estava a trabalhar para nós numa missão no oceano Índico — começou Pitt. — O Perry Halverson e a Thalia Quivaros estavam com ele. Há dois dias que não conseguimos estabelecer contacto com os três.

Kurt não gostou do modo como isso lhe soou, mas, por vezes, os rádios falhavam; às vezes, sistemas elétricos inteiros e, na maior parte dos casos, os que tinham embarcado regressavam sãos e salvos.

— Que aconteceu?

— Não sabemos. No entanto, esta manhã, o catamarã onde se encontravam foi visto à deriva, a cinquenta quilómetros do local onde deveria estar. Uma aeronave das Maldivas passou por eles esta tarde a baixa altitude. As fotografias mostram vários danos provocados pelo fogo no casco, sem que haja qualquer sinal da tripulação.

— Em que estavam eles a trabalhar?

— Estavam apenas a analisar a temperatura da água, a salinidade e os níveis de oxigénio — esclareceu Pitt. — Nada de perigoso. Prefiro guardar esses trabalhos para si e para o Joe.

Kurt não conseguia imaginar em que medida tais estudos poderiam prejudicar alguém. — E, no entanto, o Pitt pensa que se tratou de negócios escuros?

— Não sabemos o que se passou — ripostou Dirk, com firmeza. — Mas

há qualquer coisa que não bate certo. Podemos ver do ar os recipientes dos botes salva-vidas. Os invólucros estão queimados, mas, de qualquer modo, não foram tocados. Halverson era um veterano com dez anos de experiência e, antes disso, foi marinheiro mercante durante oito. O Kimo e a Thalia eram mais novos, mas estavam bem treinados. E nenhum de nós consegue conceber, para já, a razão para um incêndio a bordo de um catamarã. Mesmo que conseguíssemos, ninguém será capaz de me explicar por que motivo três marinheiros treinados teriam dificuldade em lançar um bote salva-vidas, ou procederem a uma chamada de emergência, dadas semelhantes condições.

Kurt continuou em silêncio. Ele também não conseguia pensar numa razão, a menos que eles estivessem, de algum modo, incapacitados.

— O que é importante é o facto de eles estarem desaparecidos — observou Dirk. — Talvez os encontremos. Mas eu e o Kurt andamos nisto há muito tempo para sabermos que as perspectivas não devem ser boas.

Kurt percebeu bem o que o seu diretor queria dizer. Três membros da NUMA estavam desaparecidos e presumia-se que estivessem mortos. Algo que, quer Dirk Pitt quer Kurt Austin, consideravam muito sério.

— Que é que precisa que eu faça?

— Estão a montar uma equipa de resgate a partir das Maldivas — informou Pitt. — Quero que você e o Joe se dirijam para lá, o mais rápido possível. Isso significa que deve apanhar um avião em quatro horas.

— Não há problema — retorquiu Kurt. — Será que alguém ainda anda à procura deles?

— Sim, aeronaves de busca e salvamento a partir das Maldivas, dois P-3 da Marinha e um esquadrão de longo alcance do Sul da Índia estão a percorrer a área desde que o barco foi visto. Mas nada descobriram ainda.

— Assim sendo, não se trata de uma missão de resgate.

— Quem me dera que fosse — disse Pitt. — Mas, a menos que recebamos boas notícias, algo de que eu não estou à espera, o seu trabalho é descobrir o que aconteceu e porquê.

Na oficina escura, sem ser visto por Pitt, Kurt assentiu com a cabeça. — Estou a perceber.

— Vou deixar que seja você a acordar o Sr. Zavala — disse Pitt. — Mantenha-me informado.

Kurt aceitou a diretiva e Dirk Pitt desligou.

Ao pousar o telefone, Kurt pensou na missão que os esperava. Ele tinha esperanças, ao contrário de qualquer pensamento racional, que os

três membros da NUMA fossem encontrados a flutuar nos seus coletes salva-vidas, logo que ele atravessasse o Atlântico; no entanto, considerando a descrição do catamarã e o espaço de tempo em que eles tinham desaparecido, encheu-se de dúvidas.

Pôs o telefone no bolso e deu uma longa olhadela ao barco reluzente que construía.

Sem outro segundo de hesitação, desligou o interruptor da luz e saiu.

Aquele seu «encontro amoroso» teria de esperar por uma outra manhã.

4



IÉMEN CENTRAL

UM INDIVÍDUO COM UM CAPUZ BRANCO ERGUIA-SE NUM AFLORAMENTO rochoso que se projetava acima da areia do extenso deserto do Iémen. O vento rodeava-lhe o cafetã, produzindo um som suave e fluido, e fazendo-o balançar na brisa.

Um reluzente helicóptero branco encontrava-se no penhasco por detrás dele. Uma insígnia verde, representando duas tamareiras que faziam sombra a um oásis, decorava os seus lados. Três níveis abaixo, situava-se a entrada de uma ampla caverna.

Em tempos passados, esta estaria a ser guardada por uns quantos beduínos, escondidos nas escarpas do penhasco, porém, naquele dia, havia uma dezena de homens com armas automáticas bem à vista, ainda que cerca de mais vinte permanecessem escondidos.

Jinn al-Khalif levou um par de binóculos aos olhos e observou um trio de *Humvees* que atravessava o deserto na sua direção. Estes subiam e afundavam-se nas dunas, como pequenos barcos que atravessassem as ondas do mar. Viajavam numa formação em flecha na sua direção.

— Seguem o caminho antigo — disse ele, falando com um sujeito a seu lado, um pouco mais atrás. — Na época do meu pai, teriam sido caravanas de especiarias e comerciantes, Sabah. Agora só os banqueiros nos vêm ver.

Baixou os binóculos e olhou para o homem mais velho e com barbas,

que estava ao lado dele. Sabah, o braço-direito mais leal do seu pai, estava vestido com roupas mais escuras e transportava um rádio.

— O senhor é suficientemente inteligente para perceber os seus motivos — observou Sabah. — Eles não se interessam por nós, nem pela nossa luta. Vêm porque lhes promete riquezas. Terá de lhas entregar antes que possamos fazer o que queremos.

— Será que o Xhou está com eles?

Sabah anuiu com a cabeça. — Pois está. À chegada, todos os membros do consórcio estarão presentes. Não iremos fazê-los esperar.

— E o general Aziz, o egípcio? — perguntou Jinn. — Continua a reter os fundos que nos prometeu?

— Ele irá falar connosco daqui a três dias — informou Sabah. — Quando for uma ocasião melhor para ele.

Jinn al-Khalif respirou fundo, inalando o ar puro do deserto. Aziz prometera muitos milhões ao consórcio, em nome de um grupo de empresários egípcios e de militares, mas ainda não lhes pagara um centavo.

— O Aziz está a gozar connosco — disse Jinn.

— Iremos conversar com ele e pô-lo na ordem — insistiu Sabah.

— Não — objetou Jinn. — Ele continuará a desafiar-nos porque o pode fazer, porque pensa que está fora do nosso alcance.

Sabah olhou, intrigado, para Jinn.

— É a resposta para o enigma da vida — afirmou Jinn. — O que importa não é o dinheiro, a riqueza, nem mesmo amor. Nenhuma dessas coisas foi suficiente para me salvar, quando os bandidos se apossaram do nosso acampamento. Existe apenas uma coisa que importa, agora, tal como no passado: o poder. Um poder esmagador e sem peias. Quem o tem, governa. Quem não o tem, mendiga. O Aziz pôs-nos de mão estendida, mas em breve irei inverter a situação. Em breve atingirei uma espécie de poder que nenhum homem alguma vez teve.

Sabah assentiu com a cabeça e um sorriso enrugou-lhe a barba. — Aprendeu bem, Jinn. Melhor do que eu poderia ter esperado. Verdadeiramente, supera o seu professor.

Lá em baixo, os *Humvees* estavam a estacionar diante da caverna.

— Tu tens sido a estrela polar que me guia — admitiu Jinn. — Foi por isso que o meu pai me confiou aos teus cuidados.

Sabah inclinou-se ligeiramente. — Aceito as suas simpáticas palavras. Mas, agora, vamos lá cumprimentar os nossos convidados.

Minutos depois, estavam dentro da caverna, quatro níveis mais

abaixo. A temperatura interior era de vinte e sete graus centígrados, um forte contraste com os ventos de quarenta graus que começavam a soprar no exterior.

Apesar do cenário primitivo, os convidados reunidos sentavam-se em confortáveis cadeiras de escritório a uma mesa preta de conferências. A sala em redor deles tinha sido projetada e esculpida a partir do que antes fora uma câmara irregular. Assemelhava-se agora a um grande salão com uma decoração moderna.

Havia pequenos ecrãs embutidos na mesa diante deles e computadores ao longo das paredes. Divisões escondidas, para além daquela, consistiam em quartos de dormir e outras continham armários com armas.

À custa de uma grande despesa, transformara aquele velho local de encontro beduíno de uma fenda empoeirada numa sede moderna. Fora um processo longo e complicado, muito semelhante à evolução da sua família que, de um grupo de nómadas que trocavam camelos e bens tradicionais, se tornara uma empresa moderna envolvida em tecnologia, petróleo e transportes marítimos.

Há muito tinham desaparecido os camelos e o oásis que a sua família detinha há séculos, trocados por pequenas participações em empresas modernas. Tudo o que restara eram as palavras do seu pai: *Nunca deverás sentir pena... E, sem as águas, herdaremos apenas a errância e a morte.*

Jinn nunca se esquecera daquela mensagem, ou da necessidade da extrema crueldade a que teria de recorrer para lhe obedecer. Com a ajuda de Sabah e com os fundos dos que se reuniam na sua caverna, estava a um passo de garantir que controlariam as águas de metade do mundo, tal como o seu pai controlara o oásis.

O Sr. Xhou entrou, na companhia dos seus ajudantes. Sabah cumprimentou-o e indicou-lhe um lugar. Havia nove homens importantes que se encontravam presentes. O Sr. Xhou da China, Mustafa do Paquistão, o xeque Abin da-Alhrama da Arábia Saudita. Suthar viera do Irão, Attakari da Turquia e vários convidados de menor importância do Norte de África, de antigas repúblicas soviéticas e de outros países árabes. Não eram representantes do governo, mas homens de negócios com um interesse no plano de Jinn.

— Pela graça de Alá estamos juntos novamente — começou Jinn.

— Por favor, dispense as alusões religiosas — sugeriu Xhou — e informe-nos acerca dos seus avanços. Chamou-nos aqui para nos pedir mais fundos e ainda não vimos os efeitos que já nos tinha prometido.

A franqueza de Xhou sobressaltou-o, mas ele era o maior investidor em fundos atribuídos a Jinn e quem gastara mais dinheiro a apostar no pagamento que este lhes prometera. Por causa disso, Xhou estava impaciente tal como estivera desde o começo. Parecia extremamente ansioso em superar a fase de investimento e em entrar na dos lucros. E, com Aziz a espicaçá-los, Jinn precisava do apoio de Xhou, mais do que nunca.

— Como sabe, o general Aziz não conseguiu libertar os ativos que prometeu.

— Talvez por prudência — retorquiu Xhou. — Até agora, gastámos milhares de milhões, sem termos obtido algo que se veja. Neste momento, sou dono de novecentos mil hectares de um deserto na Mongólia que não tem qualquer valor. Se as suas promessas não se concretizarem entretanto, a minha paciência chegará ao fim.

— Garanto-lhe — respondeu Jinn — que os avanços em breve se tornarão visíveis.

Clicou num controlo remoto e os pequenos ecrãs em frente de cada convidado ficaram ligados. Um ecrã maior na parede mostrava o mesmo diagrama, uma representação colorida do mar da Arábia e do oceano Índico. Setores a vermelho, cor de laranja e amarelo mostravam gradientes de temperatura. Setas circulantes indicavam a direção e a velocidade das correntes.

— Esta é a corrente padrão do oceano Índico, com base nos últimos trinta anos — informou Jinn. — No inverno e na primavera, este padrão vai de leste para oeste, fluindo em contrarrelógio, impulsionado pelos ventos secos de alta pressão da Índia e da China. Mas no verão, o padrão muda. O continente aquece mais rapidamente do que o oceano. O ar sobe, arrastando o vento para o mar. A corrente muda e flui num padrão semelhante à direção dos ponteiros do relógio, trazendo a monção para a Índia.

Jinn clicou no controlo remoto para mostrar a mudança de padrão.

— Como sabem, os gradientes de temperatura e pressão determinam os ventos. Estes, por sua vez, determinam as correntes oceânicas e juntos produzem ou ar seco ou as chuvas da monção. Neste caso, ao espalharem humidade sobre a Índia e sobre o Sudeste da Ásia, criam as chuvas da monção que inundam essas terras, permitindo-lhes alimentar as suas enormes populações.

Uma nova animação no ecrã mostrava nuvens a percorrerem os céus da Índia, do Vietname, do Camboja e da Tailândia.

— Já temos conhecimento de tudo isso — disse Mustafa do Paquistão, abruptamente. — Já vimos antes esta demonstração. Enquanto eles têm colheitas abundantes, as nossas terras permanecem secas. As vossas areias continuam ressequidas. Viemos aqui para vermos se estão a ser bem-sucedidos com a mudança deste estado de coisas, pois investimos uma fortuna no vosso sistema.

— Sim, sem dúvida — disse outro representante.

— Acham que eu vos iria convocar a todos se não tivesse provas?

— Se as tem, seria bom que as mesmas nos fossem mostradas — exigiu Xhou.

Jinn teclou no controlo remoto e o ecrã mudou uma vez mais.

— Três anos atrás, começámos a semear a horda no quadrante leste do oceano Índico.

No ecrã, um pequeno triângulo de forma irregular surgiu, perto do equador.

— Todos os anos, com os vossos fundos, semeámos mais secções. Em cada ano, a horda, tal como vos tinha sido prometido, cresceu por si mesma. Há dois anos cobria dez por cento da área-alvo.

O triângulo irregular alongava-se e expandia-se com a corrente. Uma segunda secção estendia-se na sua direção, vinda de oeste.

— Há um ano, atingiu trinta por cento de saturação.

Outro clique, outro diagrama. As duas manchas escuras juntavam-se e estavam a espalhar-se pela curva sul da corrente do oceano Índico.

— Já sabemos que as chuvas se tornaram menos abundantes na Índia. A safra do ano passado foi a mais pobre em décadas. Este ano eles estarão à espera de nuvens que nunca virão.

Voltou a clicar no controlo remoto. As faixas pretas esparsas tinham diminuído, mas crescera um padrão mais espesso e mais escuro na parte central do oceano Índico. Através da ação natural das correntes oceânicas e da manipulação de Jinn, a horda tornara-se altamente concentrada numa área conhecida pelos oceanógrafos como um giro, o centro do Grande Vórtice. Concentrada desta maneira, produziria um efeito mais forte na temperatura da água, e nas condições atmosféricas que resultassem a partir dela.

— A temperatura da água está a descer, mas as temperaturas do ar, acima dos oceanos, estão a aumentar, tornando-se mais parecidas com as flutuações que observamos em terra — afirmou Jinn. — Os padrões climáticos estão a mudar de curso. Já está a chover mais do que nunca nas terras

altas da Etiópia e do Sudão. Após anos de seca, o lago Nasser corre o risco de exceder a capacidade máxima.

O grupo pareceu impressionado. Todos, exceto Xhou.

— A fome da Índia não nos irá beneficiar em nada — disse ele. — Para além, talvez, de Mustafa, que vê a sua população como um velho inimigo. A nossa intenção é ter cereais para vender quando os silos deles estiverem vazios, o que não poderá acontecer a não ser que haja uma mudança correspondente na chuva que cai nos nossos países.

— Claro — concordou Jinn. — Mas os senhores não podem ter o segundo efeito sem primeiro efetuarem o primeiro. A vossa chuva cairá, a vossa terra seca e sem valor irá encher-se de colheitas, e irão fazer fortunas ainda maiores do que as que têm, ao venderem arroz e cereais a mil milhões de esfomeados.

Xhou sentou-se melhor na cadeira, pigarreando ostensivamente, e cruzou os braços.

— A ciência é simples — disse Jinn. — Há seis mil anos, o Médio Oriente, a península arábica e o Norte de África eram férteis, não secos. Havia pastagens, savanas e planícies cobertas de árvores. Mais tarde, o padrão climático mudou e transformou-os em desertos. Isso causou uma mudança nas correntes oceânicas do mundo e nos gradientes de temperatura dessas mesmas correntes. Praticamente, qualquer cientista com quem possam falar irá confirmar essa ocorrência como um facto. Nós estamos no processo de voltar a mudar tudo isso. O primeiro sinal de progresso foi no ano passado. Este ano será inegável.

O xeque Alhrama da Arábia Saudita falou em seguida. — Por que motivo é que ninguém viu a vossa horda? Decerto, uma coisa tão ampla não poderá passar despercebida aos satélites.

— O enxame permanece abaixo da superfície durante o dia. Evitando assim que o calor penetre nos níveis mais baixos do mar, absorvendo-o. Quando a noite cai, o enxame surge e irradia o calor para o céu. Não há nada que possa ser visto. Uma fotografia normal de satélite mostrará apenas água do mar; uma imagem termal, uma estranha radiação.

— E as amostras de água? — perguntou Xhou.

— A menos que a horda seja colocada no seu modo mais agressivo, até mesmo uma amostra de água surgirá a olho nu pouco mais do que turva, talvez como água poluída. A menos que sejam examinadas com o auxílio de um microscópio extremamente poderoso, os microbôs da horda não podem ser vistos individualmente. Não há nada que nos possa comprometer.

No entanto, apenas por precaução, ficamos de olho nos navios de pesquisa. A horda mantém-se longe deles.

— Não de todos.

Jinn foi apanhado de surpresa. Calculou o que Xhou estava prestes a dizer mas surpreendeu-se por ele estar na posse dessa informação. Contudo, não se chegava a uma posição de topo, tal como Xhou, sem saber como obter informação.

— De que está ele a falar? — inquiriu Mustafa.

— Um pequeno navio de pesquisa apanhou-nos de surpresa — admitiu Jinn. — Eram americanos, mas já tratámos deles.

Xhou abanou a cabeça. — Os americanos de quem está a falar pertencem a uma organização conhecida como a NUMA, a Agência Nacional Marinha e Submarina.

Um murmúrio percorreu o grupo, e Jinn sentiu que teria de controlar a situação rapidamente. Precisava da próxima prestação de fundos ou toda a operação entraria em colapso.

— Não poderia ter sido evitado — disse ele. — Não tínhamos motivos para suspeitar de um catamarã com uma tripulação de três pessoas. Eles não tinham arquivado pedidos de permissão, nem anunciaram as operações. Quando nos apercebemos do que eles andavam a fazer, estavam já prestes a descobrir a horda. Já tinham enviado dados acerca do gradiente de temperatura para a sede deles.

— Que aconteceu? — perguntou o xeque.

— A horda eliminou-os.

— Eliminou-os?

Jinn anuiu com a cabeça. — Num modo de procura de alimento, a horda pode devorar qualquer coisa no seu caminho. Faz parte do seu programa, exigido para a reprodução e para a autoproteção. Neste caso, esse mesmo modo foi ativado a partir daqui.

Xhou pareceu ficar ainda mais zangado ao ouvi-lo. — O senhor é um tonto, Jinn. Para cada ação tomada, há uma reação. Neste caso, a NUMA irá investigar. Ficarão irritados, com a perda da sua equipa, e altamente motivados para descobrir o que aconteceu. Eles têm a reputação de serem persistentes. Temo que acabou de atirar gasolina para o lume.

Jinn ficou extremamente irritado pois detestava que o pusessem em dúvida dessa maneira.

— Tínhamos poucas escolhas. Agora que a horda está concentrada, encontra-se num estado mais vulnerável. Se os americanos a descobrissem,

era possível, ainda que improvável, que eles pudessem proceder a certas ações antes de iniciarmos a parte final do nosso plano, aqui e agora, nesta crucial estação de crescimento. Se tivéssemos permitido que isso acontecesse, todos os nossos esforços teriam sido em vão.

— E que é que os irá impedir no futuro?

Jinn encheu muito o peito. — Uma vez desviado o padrão climático, a horda poderá ser dispersada novamente. Através do seu processo natural de reprodução, crescerá e espalhar-se-á o suficiente para que até mesmo um esforço conjunto das nações do mundo se possa provar insuficiente para a destruir.

— E para onde irá? — perguntou Mustafa.

— Para todo o lado — respondeu Jinn. — Eventualmente, espalhar-se-á por todos os oceanos do mundo e nós seremos capazes de afetar não apenas as condições meteorológicas sobre os continentes, mas sobre qualquer massa terrestre.

— Que acontece se atacarem a horda? — inquiriu Xhou.

— Eles teriam de queimar toda a superfície do oceano apenas para a destruírem de uma forma significativa. E mesmo que o fizessem, os sobreviventes iriam reproduzir-se e a horda voltaria à vida como uma floresta após um incêndio.

Os membros do consórcio olharam em volta, uns para os outros, e assentiram com a cabeça. Pareciam entender verdadeiramente o poder da arma que Jinn tinha na mão.

— O Jinn agiu corretamente — opinou o xeque, apoiando o seu irmão árabe.

— Concordo — retorquiu Mustafa.

Xhou ficou menos satisfeito. — A ver vamos — disse ele. — Segundo sei, há especialistas da NUMA a caminho de Malé para começarem a investigar. Se a horda ainda estiver vulnerável, devido à sua concentração, sugiro que a dispersemos.

— Agora não será a melhor altura de o fazermos — ripostou Jinn. — Mas não se preocupe, nós sabemos quem estava no catamarã e também sabemos quem é que eles estão a enviar para proceder às investigações. Já tenho um plano para lidar com o assunto.